Globethics Repository



A imprensa prepara o golpe [The press prepares the blow]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-13 05:57:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158559

A imprensa prepara o golpe

O jornalista e historiador Juremir Machado, que tem se dedicado a escrever vários livros sobre a história política do Brasil, fala sobre a relevância do papel da mídia na legitimação do regime militar

Por Ricardo Machado e Luciano Gallas

Para Juremir Machado, o golpe de Estado deflagrado em 1964 pode ser definido como um "golpe midiático-civil-militar". Ele acredita tanto nesta afirmação que a utilizou para batizar seu livro mais recente, dedicado justamente a analisar o papel desempenhado pela imprensa na legitimação do regime militar instaurado no Brasil naquele ano. Este foi também o tema central desta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. "De que trata realmente meu livro? De como jornalistas e escritores hoje cantados em prosa e verso apoiaram escancaradamente o golpe: Alberto Dines, Carlos Heitor Cony, Antonio Callado, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Otto Maria Carpeaux, Rubem Braga e outros. Alguns, como Cony, arrependeram-se ainda na primeira semana de abril. Outros só mudaram depois de 1968 e do AI-5[1]. Alguns permaneceram fiéis ao regime. Os mais espertos, como Alberto Dines, reescreveram-se", redigiu o autor em seu blog[2].

Juremir Machado da Silva é jornalista e historiador. Possui mestrado e doutorado em Sociologia da Cultura pela *Université Paris V – René Descartes*, na França. Atualmente, é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. É tradutor, romancista e cronista, tendo publicado 30 livros individuais – três deles traduzidos para o francês. Entre suas obras, estão *Getúlio* (Rio de Janeiro: Record, 2004), *História regional da infâmia – o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras* (Porto Alegre: L&PM, 2010), *1930, águas da revolução* (Rio de Janeiro: Record, 2010), *Vozes da Legalidade, política e imaginário na era do rádio* (Porto Alegre: Sulina, 2011), *A sociedade midíocre, passagem ao hiperespetacular – o fim do direito autoral, do livro e da escrita* (Porto Alegre: Sulina, 2012), *Jango, a vida e a morte no exílio* (Porto Alegre: L&PM, 2013) e *1964 – O golpe midiático-civil-militar* (Porto Alegre: Sulina, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que o golpe de 1964 pode ser definido como "midiático-civil-militar"?

Juremir Machado – Porque o papel da imprensa foi determinante para a criação do clima necessário ao golpe. A mídia acabou preparando o espírito da população para a queda de Jango. Ajudou a forjar a ideia de que Jango era incompetente, perigoso e irresponsável. Difundiu a ficção de que o Brasil estava à beira do comunismo. Produziu a balela de que a "democracia" só seria salva com a deposição de um presidente eleito constitucionalmente. A mídia forneceu a legitimação.

IHU On-Line – Além de *O Globo*, algum outro jornal grande da década de 1960 que ainda esteja em atividade reconheceu o apoio aos militares? O que este gesto significou?

Juremir Machado – Todos os grandes jornais apoiaram o golpe: Correio da Manhã, Tribuna da Imprensa, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Dia, Diários Associados, etc. Só o Globo pediu descul-

1 **AI-5 (Ato Institucional Número Cinco)**: decretado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime poderes absolutos e cuja primeira e maior consequência foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. Representou o ápice da radicalização do Regime Militar de 1964 e inaugurou o período do regime onde as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas no Brasil. É o movimento final de "legalização" da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da **IHU On-Line**)

2 MACHADO, Juremir. Blog. **Correio do Povo**. Publicado em: 5 mar. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1dofaZO>. (Nota da **IHU On-Line**)

pas. Não é preciso que esses jornais reconheçam que apoiaram, pois o apoio está impresso nas suas páginas.

IHU On-Line – A partir de que momento podemos perceber na mídia a construção de um clima de instabilidade relacionado a uma suposta ameaça comunista? Qual o papel da Escola Superior de Guerra neste contexto?

Juremir Machado – O golpe teve o apoio do jornal O Estado de S. Paulo desde 1962. O Jornal do Brasil entrou em campanha contra Jango em 1963. A campanha tornou-se compacta [generalizada] em março de 1964. Só a Última Hora não foi golpista. A Escola Superior de Guerra funcionou como matriz ideológica do golpismo.

IHU On-Line – De que maneira as telecomunicações se tornaram um braço importante da estratégia de legitimação do poder militar?

Juremir Machado – A unidade do país foi articulada a partir das telecomunicações como projeto cívico, autoritário e moral. Foi constituída uma rede com nós controlados por amigos do regime. Poucas vezes tecnologia e ideologia estiveram tão unidas e com efeitos tão implacáveis.

IHU On-Line – Por que a imprensa não se posicionou em favor das reformas de base de Jango, propostas que pareciam ter certo apoio popular?

Juremir Machado – As reformas de base tinham apoio da maioria da população. O Correio da Manhã admitia que essas reformas eram importantes, mas achava que não podiam ser feitas da maneira proposta por Jango. O jornal tergiversava. A mídia recusou as reformas por conservadorismo, ideologia e fidelidade aos setores mais reacionários do país.

IHU On-Line – O apoio ao regime ditatorial nas décadas de 1960 e 1970 por parte da imprensa brasileira é uma mancha indelével?

Juremir Machado – Uma mancha que nunca se apagará. Em 1971, a Folha de S. Paulo louvava o governo de Médici. Em 1973, o Jornal do Brasil tecia loas à "revolução". Em 1984, O Globo reincidia no seu apoio ao regime militar. A mídia traiu o seu papel. Comportou-se como intelectual orgânico da ditadura.

> "A mídia produziu a balela de que a 'democracia' só seria salva com a deposição de um presidente eleito constitucionalmente. A mídia forneceu a legitimação [do golpe]"

IHU On-Line – Acredita que a imprensa aprendeu com os erros do passado ou permanece agindo de maneira leviana em relação à complexidade de nossas sociedades?

Juremir Machado – Pouco aprendeu. De maneira geral, repete hoje os mesmos erros de 1964. Pode-se dizer que as raízes do golpismo midiático estão em 1954 e 1964. Os temas ainda são os mesmos: corrupção e comunismo, Cuba e marxismo. O conservadorismo da mídia renovou-se. Os principais colunistas atuais são intelectuais de extrema-direita.

IHU On-Line – Por que se fala pouco sobre a participação da imprensa no golpe de 1964? O que há de corporativismo neste comportamento?

Juremir Machado – A mídia não canta os homens e suas glórias, mas as ideologias e suas razões. Jamais fala mais de si mesma. Reescreve a história para dar-se o melhor papel. Só fala de receitas de bolo e de poemas de Camões publicados pelo Estadão e pelo Jornal da Tarde nos buracos dos textos censurados. Apaga o período de 1964 a 1968. Tenta fazer crer que ainda não era a ditadura. Mente para o público e para si. Corporativismo total. Meu livro será ignorado.

IHU On-Line – Qual a responsabilidade da imprensa ao relembrar este período? Era possível realizar um golpe de Estado no Brasil sem o apoio da imprensa?

Juremir Machado – A mídia precisa fazer um mea-culpa. Retratar-se. Pedir desculpas. Reconhecer o seu triste papel. A mídia e as Forças Armadas. Quanto a possibilidade, não era. Porque faltaria legitimação. A mídia apavorou a classe média para fazê-la clamar pelo golpe.

Leia mais...

- *"João Goulart foi, antes de tudo, um herói".* Entrevista com Juremir Machado publicada no sítio do **IHU** em 26-08-2013, disponível em http://bit.ly/1jKsFS0.
- *A defesa de Brizola pela Legalidade foi heroica.* Entrevista com Juremir Machado publicada na edição 372 da **IHU On-Line**, de 05-09-2011, disponível em http://bit.ly/OVcho8.
- *Geração Y "parece coisa de revista Veja".* Entrevista com Juremir Machado publicada na edição 361 da **IHU On-Line**, de 16-05-2011, disponível em http://bit.ly/1m6A6V2.
- *A cultura política do RS mudou. Para pior.* Entrevista com Juremir Machado publicada no sítio do **IHU** em 08-10-2010, disponível em http://bit.ly/1jKuZZ8.
- *"1968 reduz enormemente a carga de hipocrisia da sociedade".* Entrevista com Juremir Machado publicada na edição 250 da **IHU On-Line**, de 10-03-2008, disponível em http://bit.ly/ihuon250.